



RELAÇÕES DE GÊNERO EM CAMPANHA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: SUBMISSÃO FEMININA MANTIDA

Márcia Cristiane Nunes Scardueli - UNISUL

Resumo: O presente artigo apresenta uma análise discursiva sobre um cartaz produzido com o propósito específico de atuar no contexto do enfrentamento à questão da violência doméstica contra mulheres, sob a luz dos fundamentos teóricos da Análise de Discurso de origem francesa. Aspectos relacionados à linguagem, ao discurso, à imagem e à violência contra a mulher são aqui abordados, de forma que conduzam à produção de sentidos e à análise do discurso que se efetiva com o cartaz selecionado para compor o corpus a ser investigado. A análise conduzida dos aspectos verbais e não verbais do cartaz indicou a presença da ideologia dominante sobre os papéis sociais das relações de gênero que atribuem à mulher, uma posição de inferioridade, apesar de a temática da campanha trazer à tona a necessidade de atribuir às mulheres um posicionamento autônomo.

Palavras-chave: Análise do Discurso francesa; cartaz de campanha; violência doméstica contra a mulher; submissão feminina.

1 INTRODUÇÃO

Parte das estratégias sociais, sejam elas governamentais ou não, para trabalhar o enfrentamento da violência doméstica é veiculada por campanhas publicitárias que se valem de cartazes enfocando a questão da violência.

Nesse sentido, o presente trabalho tem o propósito de refletir sobre um cartaz produzido por solicitação do Conselho Estadual da Mulher do Estado de Santa Catarina – CEDIM – e apresentado na 3ª Conferência Estadual de Políticas Públicas para as Mulheres, realizada em Florianópolis, capital do estado catarinense, em outubro de 2011.

A metodologia utilizada para a reflexão aqui proposta está fundamentada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), que valorizam as condições históricas de produção das formações discursivas, referidas por Orlandi (2010, p. 43), como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. As condições de produção, segundo Pêcheux (2008), são definidas pelos lugares ocupados pelo emissor e receptor na formação social, ou seja, pelas posições de sujeito, ocupadas por esses emissores e receptores.

O presente trabalho situa-se, portanto, nos condicionantes sociais e históricos contemporâneos, relacionados à violência doméstica, em especial aquela praticada contra a mulher e tem como objeto de estudo o discurso empregado na produção de um cartaz para ser distribuído e afixado em locais públicos, em especial, aqueles que desenvolvem atividades relacionadas ao atendimento de mulheres vítimas de violência como delegacias de polícia, centros de referência, hospitais, etc. Assim, pode-se tomar como finalidade deste ensaio o propósito de evidenciar o caráter socialmente construído do discurso desse cartaz, a fim de contribuir com a reflexão teórica de como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem das mídias em geral.

2 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

No dicionário Houaiss (2009, p. 772), o termo “violência” significa o uso da força física; ação de intimidar alguém moralmente ou o seu efeito; ação destrutiva, exercida com ímpeto, força; expressão ou sentimento vigoroso; fervor.

Para Teles e Melo (2003, p. 15), violência é o uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar a outra pessoa a fazer algo contra a sua vontade; é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade. É um meio de manter a outra pessoa sob seu domínio. É uma violação dos direitos humanos.

Saffioti (2004, p. 17) define a violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima, seja de forma física, psíquica, sexual ou moral.

É nesse contexto que se encontra a violência contra a mulher, muito comumente tratada também como violência de gênero e violência doméstica. O termo ‘gênero’ é utilizado para designar as relações efetivadas entre homens e mulheres formados por contextos políticos, culturais, sociais e econômicos e não por uma determinação biológica e natural.

O conceito de violência de gênero, por sua vez, pode ser entendido como a relação de poder e de dominação do homem e de submissão da mulher em que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem as relações violentas entre os sexos, indicando que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas (TELES; MELO, 2003, p. 18).

Assim, a violência de gênero vem sendo praticada ao longo da história e transmitida de geração a geração. Esse tipo de violência está tão arraigada na cultura das relações humanas que é considerada normal por homens e mulheres, com o se fizesse parte da

natureza humana. Por adquirir este caráter, torna-se difícil a denúncia e a implantação de medidas preventivas para por fim a esse tipo de violência.

O termo violência de gênero passou a ser usado no final dos anos 70 pelos movimentos feministas e vêm ganhando espaço devido aos estudos desenvolvidos sobre o tema, principalmente no meio acadêmico (TELES e MELO, 2003).

A violência contra a mulher foi definida pela Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção Belém do Pará, 1994), como “qualquer ato de violência baseada na diferença de gênero, que resulte em sofrimento e danos físicos, sexuais e psicológicos da mulher; inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade, seja na vida pública ou privada” (SOARES, 2005, p. 14).

Considerada uma violação dos direitos humanos, nas sociedades democráticas, a violência contra a mulher acontece em todos os países, e em qualquer classe social e grupos étnico-raciais. Não é um problema apenas das classes pobres, que vivem drogadas ou alcoolizadas. É uma violência tolerada pela sociedade devido à cultura existente, de que esses fenômenos são próprios da natureza humana. Geralmente esse tipo de violência ocorre entre homens e mulheres que possuem ou possuíram algum tipo de intimidade: namorados, cônjuges, companheiros. A intenção do homem com a violência não é matar e sim intimidar a mulher, para que ela fique submissa e atenda a seus desejos e intenções, para tê-la sob seu controle. E, por ter intimidade com ela, e conhecê-la bem, o agressor sabe como agir para atingir a vítima, que se torna mais vulnerável aos seus ataques (TELES e MELO, 2003).

Segundo Saffioti (1997), a violência doméstica, aquela ocorrida no âmbito doméstico, apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é a sua rotinização, ou seja, ela incide sobre as mesmas vítimas, tornando-se rotineira: os agressores são geralmente maridos, companheiros ou ex-maridos e ex-companheiros das vítimas; as agressões sofridas não são conhecidas até transcorrer um longo período de tempo; as vítimas possuem autoestima baixa e podem apresentar vários problemas de saúde, na maioria dos casos, as mulheres são chantageadas e/ou ameaçadas, sentindo-se incapazes de reagir; as vítimas vivem em estado de pânico e temor.

Na violência doméstica contra a mulher, o abuso pelo parceiro pode tomar várias formas, tais como: agressões físicas, abuso psicológicos como menosprezo, intimidações e humilhações constantes, coerção sexual, comportamentos de controle, como por exemplo, proibição de contato com a família e amigos, usar os filhos para fazer chantagem, vigilância constante e restrição de acesso e recursos variados. Esse tipo de violência traz consequências gravíssimas para as vítimas, que vão muito além das lesões corporais. Elas podem apresentar

diversos problemas de saúde, ginecológicos, psicológicos (decorrentes das ameaças sofridas), depressão, suicídio, baixo peso dos filhos ao nascer, entre outros (SOUZA, 2011).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, “a violência contra a mulher no âmbito doméstico tem sido documentado em todos os países e ambientes socioeconômicos e as evidências existentes indicam que seu alcance é muito maior do que se supunha” (TELES; MELO, 2003, p. 12).

Assim, violência contra a mulher é aquele tipo de violência praticada pelo homem contra pessoa do sexo feminino, apenas por sua condição de ser mulher. Significa a violência do homem contra a mulher, que representa o papel de agressor, dominador e disciplinador. Uma vez que o indivíduo do sexo feminino é o principal alvo da violência de gênero, constantemente usa-se o termo “violência de gênero”, como sinônimo de “violência contra a mulher”.

Segundo Teles (2003, p. 11), “a violência contra a mulher é um fenômeno antigo, que foi silenciado ao longo da história e passou a ser desvendado há menos de 20 anos”.

Em razão desse caráter social e cultural, a denúncia desse tipo de violência e a implantação de medidas preventivas para pôr fim a esse tipo de crime tornam-se difíceis. O Estado e a sociedade, de forma geral, estão, constantemente, se mobilizando para coibir esse delito. A criação de delegacias de polícia especializadas no atendimento à mulher, a implantação de centros de referência psico-social para atendimento desse tipo de vítimas, a promulgação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), a criação de portais na internet, dentre outros, são estratégias utilizadas para o enfrentamento dessa questão. A produção do cartaz ilustrado, a seguir, divulgado durante a realização da 3ª Conferência de Políticas Públicas para as Mulheres, etapa estadual, realizada em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, de 20 a 22 de outubro (prévia para a 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres, realizada em Brasília de 12 a 14 de dezembro de 2011), faz parte dessas ações, que buscam combater o fenômeno da violência contra a mulher no Brasil.



Figura 1 – Cartaz disponibilizado na 3ª Conferência de Políticas Públicas para as mulheres de Santa Catarina
 Fonte: Fotografado pela autora (2011)

3 LINGUAGEM, DISCURSO, IMAGEM E ANÁLISE DO DISCURSO

Segundo Cameron (2002), a linguagem codifica as preocupações e os valores culturais transmitidos de geração em geração. Em geral, as línguas são sexistas por representarem o mundo de um ponto de vista masculino, de acordo com crenças estereotipadas sobre as mulheres, os homens, e a relação entre eles. Assim, considerando que a existência humana é em grande parte conduzida por eventos linguísticos, podemos dizer que é através da linguagem que as representações sobre os gêneros são construídas, difundidas, mantidas ou alteradas dentro dos grupos sociais (CAMERON, 2002, p. 9).

Nesse sentido, Brandão (2004, p. 11), diz que a linguagem “enquanto discurso é interação, é um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural”. Para a autora, a linguagem é, então, elemento de mediação entre o homem e sua realidade e, por isso, também um lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, pois os processos que a constituem são histórico-sociais. Assim, o estudo da linguagem não pode estar desvinculado de suas condições de produção, exatamente o enfoque dado pela Análise do Discurso (BRANDÃO, 2004).

É, então, nesse contexto que se pretende refletir sobre o cartaz apresentado anteriormente, como uma das ações sociais empreendidas para o enfrentamento de um grave problema social: a violência contra a mulher.

Segundo Orlandi (2010, p. 62), no processo de constituição do corpus, “a AD se interessa por práticas discursivas de diferentes naturezas, incluindo imagem, som, letra”. O

corpus aqui selecionado permite perceber, conforme Sardelic (2006, p. 459), que “as imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento”.

Para Souza (1998), na interpretação da imagem, assim como na interpretação do verbal, pressupõe-se a relação com o cultural, com o social, com o histórico, com a formação dos sujeitos. Nessa perspectiva, Souza (2001) diz que o verbal e o imagético devem merecer igual atenção na nova materialidade multimodal, ou seja, à imagem e ao signo linguístico deve ser atribuído o mesmo valor, posto que, ao se interpretar o imagético tão-somente através do verbal, incorre-se num reducionismo que atinge a própria concepção atual de linguagem.

Segundo Azevedo (2007), as escolhas linguísticas e discursivas que compõem um discurso publicitário não são aleatórias, mas marcadas por interlocutores (sujeitos) que enunciam a partir de posições inscritas numa formação social. Por isso, as condições de produção passam a ser compreendidas através da representação do imaginário histórico-social, porque os sujeitos que produzem linguagem o fazem de lugares ideologicamente marcados. Ainda que o corpus selecionado para o presente trabalho não seja, propriamente, um texto publicitário, é possível refletir sobre as condições de produção desse discurso e as possibilidades de efeitos de sentido por ele produzidos entre os seus interlocutores que ocupam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares esses que estão representados por uma série de formações imaginárias, conforme o que Pêcheux (1969 *apud* MUSSALIM, 2003, p. 136-137), chamou de o jogo de imagens: a) a imagem que o falante tem de si, do lugar que ocupa e do que é enunciado; b) a imagem que o sujeito, ao enunciar, tem do seu ouvinte, do lugar ocupado por ele, e do discurso que é enunciado.

De acordo com Orlandi (1987, p. 180), deve-se ainda acrescentar que o discurso é visto como “o lugar, o centro comum que se faz no processo de interação entre falantes e ouvintes, autor e leitor” e que esse processo de interação é o que pressupõe o jogo de imagens refletidas no texto. Desse modo, questiona-se: como se estabelece o jogo de imagens no discurso do cartaz apresentado? Como se posicionam produtor e receptor desse discurso, no que concerne à questão da violência contra a mulher?

4 O DISCURSO DO CARTAZ

A imagem disponibilizada no cartaz escolhido para esta reflexão apresenta uma mulher branca, tendo a boca coberta por uma mão, também de um indivíduo de cor branca,

porém, masculino. Dentre as imagens que vão sendo construídas no discurso ali apresentado, podemos perceber a situação em que esse discurso aparece, o “contexto”, “o referente”, ou seja, um cenário de dominação masculina sobre o indivíduo do sexo feminino.

Fica claro então, desde já, que, segundo Pêcheux e Fuchs (1997), os elementos que designam os papéis desempenhados por A (enunciador) e B (interlocutor) resultam de lugares determinados na estrutura de uma formação social que lhes é comum. Assim, considerando-se o conceito de formações imaginárias, cunhado por Pêcheux (2008), pode-se dizer que as imagens que os interlocutores de um discurso atribuem a si e ao outro são determinadas por lugares construídos no interior de uma formação social.

Quanto à eficácia simbólica da imagem em relação à memória, Pêcheux (2007, p. 51) diz:

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito.

No que tange à imagem que o enunciador faz do lugar que ocupa, pode-se dizer que ao utilizar o enunciado “**A violência doméstica dói em todo mundo**”, observa-se uma postura de conhecimento sobre esse fato, a violência doméstica. A expressão “**todo mundo**” denota um conhecimento público, uma memória coletiva já constituída sobre esse problema, envolvendo não só o interlocutor, mas também o enunciador que, dessa forma, se aproxima do interlocutor (nesse caso, as mulheres vítimas desse tipo de violência). Isso também nos permite interpretar que também ele, o enunciador, “sente” essa dor causada pela violência, visto que “todo mundo” também o inclui, e, por isso, tem condições de “falar” sobre o problema com o interlocutor. Vale lembrar, ainda, que também o causador da violência é afetado, uma vez que “**todo mundo**” também o incluiu.

Outra estratégia discursiva utilizada no enunciado “**A violência doméstica dói em todo mundo**” é o emprego do verbo “doer” no presente do indicativo, induzindo a uma ação real. Além disso, as frases verbais no presente do indicativo assumem uma função semântica atemporal que contribui com o discurso veiculado por órgãos oficiais de enfrentamento da violência que informam que esse é um fenômeno que acontece a todo instante.

“**Não deixe que ela faça parte da sua vida**” e “**Veja onde denunciar**” são dois exemplos típicos do discurso publicitário que faz uso de verbos no imperativo. No primeiro

tem-se o imperativo negativo: “**não deixe**”, indicando que a condição para que a violência não aconteça depende da ação das interlocutoras, ou seja, é a interlocutora quem não deve deixar que a violência faça parte da sua vida. O que sugere o incentivo do enunciador a um posicionamento da interlocutora frente a esse problema. Também o próximo enunciado “**veja onde denunciar**” pode ser assim entendido, pois o cartaz informa uma lista de locais onde as vítimas poderão efetuar suas denúncias. O próprio uso do verbo “**denunciar**”, novamente permite a interpretação de que o enunciador atribui à interlocutora o papel ativo frente a essa situação (de denunciar) que se contrapõe ao papel passivo vivido na situação de violência (vítimas).

A literatura específica sobre a violência contra a mulher aponta que essas vítimas possuem autoestima baixa e sentem-se incapazes de reagir (SAFFIOTI, 1997), assim, pelos enunciados apresentados, pode-se dizer que o enunciador ocupou, na enunciação do cartaz, um papel assujeitado, ao contexto ideológico da violência contra a mulher, posto que ao estimular a “ação” das vítimas frente a esse problema, demonstra acreditar na autonomia dessas mulheres, o que contraria o discurso recorrente da violência contra a mulher, ou seja, percebe-se aqui que o sujeito assim como é afetado pela formação discursiva onde se inscreve, também a afeta e determina em seu dizer. Além disso, ao inserir no enunciado não verbal a imagem de uma mulher branca, aparentemente sem marcas de violência física, o enunciador também demonstra que afeta a formação discursiva em que está inserido, uma vez que traduz a ideia de que também as mulheres brancas são vítimas e que o fato de não aparentarem violência física, não significa que não sejam vítimas de outros tipos de violência (psicológica, moral, patrimonial, por exemplo).

Porém, esse assujeitamento não se altera quando percebemos, ainda no discurso não verbal do cartaz em questão, a reprodução da submissão feminina ao indivíduo masculino, pela própria imagem da mulher ‘calada’ pela mão do homem. Ou seja, o sujeito enunciador, aqui, permanece controlado pela ideologia dominante das relações sociais de gênero.

Para Pêcheux (1997, p. 311),

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada por si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes.

Desse modo, o sujeito é entendido como um ser assujeitado, submetido a regras específicas que delimitam o seu discurso, operando, apenas, como reprodutor dos discursos que o antecederam e os sentidos que veicula são o resultado dos discursos a que pertenceram. No cartaz analisado, essa noção de assujeitamento é pertinente para que enunciado e interlocutor se posicionem num mesmo referente, de forma que a mensagem faça uso de signos compartilhados entre os interlocutores, pois um signo é algo que de algum modo, representa alguma coisa para alguém (PEIRCE, 1930 *apud* SANTAELLA, 1985). Segundo Fox, Silva e Leitão (2008, p. 240), “no processo comunicacional interacional, o signo compartilhado é mais fácil de ser decodificado, sendo a interpretação do destinatário mais objetiva, diminuindo a entropia e o ruído”. Porém, não se pode deixar de observar que, apesar do caráter instrutivo da campanha, de estimular a denúncia de casos de violência, o discurso utilizado é moldado por relações ideológicas e de poder, que, de certa forma, reproduzem os seus efeitos constitutivos sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença das mulheres vítimas de violência doméstica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expectativa com o presente texto era refletir sobre a produção de sentidos a partir de um cartaz produzido, especificamente, para colaborar no processo social de enfrentamento à questão da violência doméstica.

No material analisado, constata-se a predominância da ideologia, enquanto prática discursiva na relação do sujeito com a língua, tanto pelo aspecto verbal quanto pelo aspecto não verbal. Nesse contexto, ainda que o propósito inicial (intenção) não seja reproduzir padrões sociais já estabelecidos quanto às relações de gênero, essa reprodução se efetiva, visto que o contexto criado denota essa realidade, ou seja, da subordinação feminina, promovendo assim, um discurso ambíguo; a mulher tanto é objeto, quanto é sujeito da sua própria história. Ela é sujeito quando o enunciadador a coloca em posição de destaque, ativa, portanto, a quem cabe o papel de “decidir” pelo fim da violência, “denunciado”, “não deixando” que a violência faça parte de sua vida; mas é objeto quando é posicionada no plano da imagem como submetida à ação masculina que a impede de falar, pela imposição da mão sobre a boca.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Adélia Maria Evangelista. **O jogo de imagem no discurso das instituições financeiras sobre o enfoque: o idoso.** (2007). Disponível em: <http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/04/Arquivos/01%20Evangelista.pdf>. Acesso em 15 de Nov.2011.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

CAMERON, Deborah (Org). **The feminist critique of language: a reader.** 2nd edition. London: Routledge, 2002.

FOX, Verônica; SILVA, Jademilson; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Uma análise do discurso do governo brasileiro na campanha “proteger a lagosta é proteger o pescador. **Revista IDEAS**, v. 2, n. 2, p. 231-255, jul.-dez. 2008.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.) **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v. 2, 3^a Ed., São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 2.ed.Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** 9.ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento.** 5^a. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Trad. Jonas de A. Romualdo. Campinas, editora da UNICAMP, p. 311-318, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et.al]. **Papel da memória.** Tradução e introdução José Horta Nunes, 2^a ed., p. 49-57, 2007.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Trad. Bethania S. Mariani [et al]. Campinas, editora da UNICAMP, p. 163-252, 1997.

SAFFIOTI. Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. In: KUPSTAS, Márcia (org). **Violência em debate.** São Paulo: Moderna, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Comunicação.** São Paulo. Brasiliense, 1985.

SARDELIC, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

SOARES, Bárbara Musumeci. **Enfrentando a violência contra a mulher**: orientações práticas para profissionais e voluntários(as). Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SOUZA, Tânia C. C de. Discurso e Imagem: perspectivas de análise do não verbal. **Ciberlegenda**. N. 1, 1998. Disponível em <<http://www.uff.br/mestcii/tania1.htm>>. Acesso em 6 de nov. 2011.

_____. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. In: **Ciberlegenda**, n. 6, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm> . Acesso em 18 nov. 2011.

SOUZA, Valéria Pinheiro de. **Violência doméstica e familiar contra a mulher – A Lei Maria da Penha: uma análise jurídica**. Monografia Direito. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/direito/violencia-domestica-familiar-contramulher-lei-maria-.htm>>. Acesso em 17 de março de 2012.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.